

Promoção de mobilidade social e a constituição de novos jornalistas comunitários: a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e o quadro Parceiro do RJ / TV Globo

Promotion of social mobility and the creation of new community journalists: the Pacifying Police Unit (UPP) and the program RJ Partner / TV Globo

LILIAN SABACK¹

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão em torno das mudanças na cidade do Rio de Janeiro no que se refere à comunicação estabelecida a partir da relação entre os moradores do “asfalto” e da favela com a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em comunidades cariocas. O trabalho apresenta, a partir do estudo de caso da Rocinha – favela localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro –, as mudanças promovidas a partir da chegada da polícia pacificadora, no dia 13 de novembro de 2011. Uma investigação que integra a tese de doutorado “Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual”, defendida no dia 25 de março de 2015, em regime de cotutela pelo programa de pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade, Comunicação comunitária, Favela, Parceiros do RJ, Jornalismo.

ABSTRACT

This article is a reflection on the changes in the city of Rio de Janeiro regarding communication established within the relationship between the inhabitants of the “asphalt” and slums, after the installation of Pacification Police Units (UPPs) in Rio communities. The paper presents, from the case study of Rocinha - slum located in the South Zone of Rio de Janeiro - the changes promoted by the arrival of the pacifying police on November 13, 2011. An investigation that integrates the Ph.D. thesis “Partner RJ / TV Globo: community and inclusive narratives by audiovisual”, from March 25, 2015, in a joint supervision program for scholars of the Communication School of the Federal University of Rio de Janeiro (ECO / UFRJ) and ISCTE - University Institute of Lisbon.

KEYWORDS: Community, Community communication, Favela, RJ Partners, Journalism.

INTRODUÇÃO

O Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgado em 2011, registrou que 11,4 milhões de brasileiros, o equivalente a 6% da população do país, vivem em “aglomerados subnormais”, mais conhecidos como favelas e comunidades. Dentro deste cenário, a Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, foi apontada como a favela mais populosa do Brasil, com 69.161 moradores. Os números foram contestados pela Associação de Moradores da Rocinha, em reportagens publicadas na grande imprensa. Segundo depoimento do presidente da União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha (UPMMR), Leonardo Rodrigues Lima, ao site G1 em 21 de dezembro de 2011, o número é bem maior. “A Rocinha tem entre 180 mil e 220 mil habitantes”, afirmou à reportagem Léo, que está na favela há mais de 30 anos.

Também em 2010, a Secretaria de Estado da Casa Civil, por meio do EGP-Rio, mapeou e identificou o perfil de três comunidades do município do Rio de Janeiro: Rocinha, Complexo do Alemão e Mangueiras. O Censo Favelas, como foi denominado o levantamento, visou a uma análise das obras de urbanização e melhorias na infraestrutura promovidas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), realizadas a partir do PAC Social. Todos os dados foram coletados, entre maio de 2008 e julho de 2009, por 1.450 moradores das comunidades, que foram treinados e supervisionados para fazer as entrevistas. O Relatório Domiciliar do EGP-Rio informa que “a população efetivamente recenseada pelo trabalho chega a 73.410 indivíduos”. Ainda segundo este relatório, uma “estimativa populacional, considerando os recenseados na Rocinha, as recusas e as residências com moradores ausentes, chega a 98.319 pessoas”.

Mesmo com todas as discussões em torno dos números obtidos por órgão oficiais e/ou organizações não governamentais, o fato é que o crescimento da população nas favelas do Rio e, principalmente, a falta de infraestrutura e a presença do tráfico de drogas nelas, serviram de elementos para a criação do projeto da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro: a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). O objetivo principal das autoridades governamentais é, com a presença de polícias comunitárias em favelas, desarticular quadrilhas que antes controlavam esses territórios como estados paralelos. A primeira UPP foi instalada na Favela Santa Marta em 20 de novembro de 2008. Nos anos seguintes, outras unidades foram inauguradas na Cidade de Deus, no Batan, Pavão-Pavãozinho, Morro dos Macacos e Rocinha, entre outras favelas. Uma tentativa de impor a ordem, como bem definiu Jaílson dos Santos em artigo sobre as Unidades de Polícias Pacificadoras:

A UPP é a expressão da ordem do poder estatal, do poder policial, o sentimento de que a paz se faz presente, tendo em vista a eliminação da lógica do confronto que a própria polícia alimentava e da disputa territorial por grupos inimigos. A eliminação do armamento ostensivo é outro fator que auxilia no sentimento de pacificação, do mesmo modo que a ampliação do direito de ir e vir dos moradores.²

A análise proposta no presente artigo está vinculada teoricamente ao estudo que vem sendo desenvolvido por Raquel Paiva no que se refere aos conceitos de comunicação comunitária e, principalmente, ao de comunidade. A pesquisadora investiga o conceito de comunidade e toda a reflexão feita por ela permite pensar o esgotamento da necessidade da ocupação de um mesmo espaço para uma ação comunitária. Ao avaliar o perfil do veículo comunitário, Paiva destaca que uma das razões para a criação desse tipo de meio de comunicação é “a vontade de ‘produção de discurso’ próprio, sem filtros e intermediários”

(2003, p. 139). No artigo “Para reinterpretar a comunicação comunitária”³, a autora vai além e identifica sete pilares que mantêm a perspectiva comunitária no campo comunicacional. Entre eles está a comunicação comunitária como produtora de novas formas de linguagem. No que se refere às questões do cinema e do telejornalismo produzido por jovens nascidos e criados em favelas, estima-se que funcione como uma nova linguagem audiovisual e, desta forma, apresente novas mensagens e seja um novo dispositivo de saber e poder.

Tendo o conceito de comunidade como base, se tenta fazer uma brevíssima reflexão em torno dos veículos de comunicação produzidos na Rocinha antes e depois da instalação da UPP, em 13 de novembro de 2011, como era a relação dos moradores com a “grande mídia”, e o que mudou com a chegada da política pacificadora. A partir de entrevistas com comunicadores locais, jornalistas e estudantes de comunicação que atuam nas comunidades, buscou-se identificar qual o cenário atual da comunicação comunitária na maior favela do Rio de Janeiro.

MÍDIA COMUNITÁRIA DA ROCINHA

Não existe um levantamento oficial sobre as mídias comunitárias da Rocinha, mas o esforço de reportagem de sites como o Viva Favela (www.vivafavela.com.br) e conversas informais com jovens comunicadores da favela tornam possível refletir sobre a produção de comunicação comunitária na primeira década do século XXI. De acordo com a reportagem “Um giro pelas mídias da Rocinha”, assinada por Cleber Araújo, publicada pelo Viva Favela no dia 1º de julho de 2011, há na favela um espaço próprio de comunicação. Dentre as rádios comunitárias, o texto destaca a Rádio Brisa, irradiada a partir de caixas de som instaladas nos postes desde a parte baixa do morro, a Vila Ápia, até a parte mais alta, na Rua 1. A Rádio Brisa foi criada em 1999 por Elias Lira Guilherme. Na época, havia três rádios comunitárias na Rocinha: na parte alta, a Rádio Arte Astral; no meio da favela, a Rádio Katana; e na parte baixa, a Rádio Rocinha. “Quando decidiram substituí-las por rádios FM, acabando com a rádio de poste, foi aí que eu entrei. Reativei a rádio de caixinha (poste), abrangendo toda a comunidade”, contou Elias à reportagem do site. A Rádio Katana, criada em 1995, pelos donos de uma academia de jiu-jítsu para divulgar as aulas, inspirou Elias e também estimulou os comerciantes locais a usarem a rádio de caixinha para divulgar seus produtos. A Rádio Katana cresceu e passou a ocupar a faixa FM 91,3 do dial.

A TV Tagarela, a televisão comunitária de rua criada em 1998 depois de uma oficina de vídeo ministrada na favela, tem um formato peculiar. A equipe exhibe vídeos e filmes em locais públicos e em seguida abre o microfone para os moradores opinarem. A produção é exibida, ao vivo, em um telão montado no meio da rua. O vídeo TV Comunitária de rua: uma boa alternativa, publicado no site Barraco@dentro (<http://barracoadentro.com/tv-comunitaria-de-rua-uma-boa-alternativa/>) faz um registro histórico da TV Tagarela e enuncia o desejo de seus participantes de romper com os estereótipos da favela e seus moradores, criados e veiculados pela grande mídia. É o que diz o depoimento de Augusto Pereira, um dos responsáveis pela criação da TV Tagarela. Ele é quem ministrava os cursos de vídeo pela Ação Social Padre Anchieta (ASPA) e foi um dos grandes responsáveis pela fundação da Tagarela.

O grande desafio não é fazer qualquer tipo de vídeo. Não é fazer um vídeo que reforce uma lógica que já está aí. É exatamente para desconstruir essa lógica. Fazer um tipo de produção que faça a comunidade se questionar, que faça ela crescer e, também, que valorize em termos de cultura. Acabar com essa história da cultura da violência. Não é.⁴

No universo da mídia impressa, poucos veículos comunitários da Rocinha resistem à pressão do mundo virtual. A reportagem do Viva Favela indicava apenas a existência da Revista Guia Mix, assinada por Ernani Ferreira, diretor de marketing, e Lidson Nunes, responsável pela arte e diagramação. A revista é um produto de marketing, que veicula anúncios dos comerciantes locais. No momento de produção deste artigo, a Revista Guia Mix já quase não circulava na favela, e o outro veículo impresso ganhava espaço: o jornal *Fala Roça*, criado e editado pelo estudante de jornalismo Michel Silva e sua irmã. O jornal foi lançado em maio de 2013, e é fruto do trabalho desenvolvido pela Agência Redes para Juventude, realizado pela Avenida Brasil – Instituto de criatividade social, com jovens de 22 comunidades pacificadas.

Na web estão os maiores promotores de informação da Rocinha. São os sites Favela-DaRocinha.com, o Viva Favela e o Rocinha.org, e, ainda, os blogs Rocinha/Blog/MTV Brasil e o Barraco@dentro. À frente de cada um deles há sempre um morador empenhado em “mostrar o lado sadio da comunidade”, como disse Ocimar Santos, do Rocinha.org, ao repórter do Viva Favela. Um desejo que se explica pelo espaço que a Rocinha ocupou na grande mídia até setembro de 2012, quando foi implantada a UPP e a imprensa voltou a circular pela favela. Até então, sua presença era sempre acompanhada da polícia, para a cobertura de confrontos entre policiais e bandidos.

O site do O Estado de S. Paulo é, talvez, o único representante da grande imprensa que, mesmo antes da UPP, destinava uma seção só sobre a Rocinha. A primeira postagem foi feita em 2000. A seção publica reportagens diversas, mas que só podem ser lidas na íntegra por seus assinantes. Vale acessar: <http://topicos.estadao.com.br/rocinha>. Com a instalação da UPP na Rocinha, outros veículos de comunicação de massa seguiram o exemplo do Grupo Estado.

PARCEIRO DO RJ

Em 2008, com a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Favela Santa Marta, nasceu o projeto Parceiro do RJ, da Rede Globo de Televisão. Esta iniciativa trouxe para a TV aberta reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro, ou seja, pelos próprios sujeitos da experiência. O Quadro Parceiro do RJ começa a despertar interesses em pesquisadores que, como eu, têm o olhar nas produções audiovisuais das favelas. Os acadêmicos começam a estudar essa produção, mas até o momento observa-se o objeto com o foco na produção jornalística comunitária inserida na grade local. Em artigo apresentado na Compós 2012, Becker expôs as primeiras análises de reportagens produzidas para o quadro em 2011 e suas conclusões apontam para a vertente que pensa a comunicação como processo:

As inserções de novos atores sociais na produção de mídia podem gerar alterações estéticas e de conteúdo nas práticas jornalísticas, por meio de reportagens mais contextualizadas e criativas capazes de gerar reflexão, mais conhecimento e mais diálogos. Por enquanto os âncoras, os comentaristas, os repórteres e os Parceiros do RJ já estão todos misturados na tela da tevê, mas cada um do no seu quadrado. Afinal, a mídia não deixa de reproduzir as desigualdades, as exclusões, os pré-conceitos, e as disputas de poder do mundo real. (2012, pg. 13)

Essa separação “cada um (do no) em seu quadrado”⁵ é fruto de um relacionamento estabelecido pela grande mídia com as favelas cariocas. Desde a década de 1980, quando

os traficantes passaram a ter o poder dentro da favela, os jornalistas passaram a cobrir apenas a violência factual, resultante muitas vezes do confronto entre policiais e bandidos. Um comportamento comedido e técnico que se torna ineficaz, como observou Muniz Sodré ao pensar a cobertura da violência no Rio de Janeiro: “A imprensa teria um papel grande se fosse mais comunitária e menos societária e se, de algum modo, as matérias não fossem só um relato técnico: lead, sub-lead, sobre o fato que ocorreu” (Aziz Filho, 2003, pg. 186). Para Jaílson dos Santos, foi a imprensa também a grande responsável pela resposta dada pela sociedade ao absorver com bons olhos a implantação das UPPS nas favelas do Rio. “De uma forma especial, a situação de violência nas favelas e a violência policial contra os seus moradores tornaram-se naturalizadas pela grande mídia e apresentadas de modo tal que não impactavam os leitores/espectadores cotidianos.”⁶

No resgate desta “comunitarização” da imprensa pleiteada por Muniz Sodré e, ainda, possivelmente, na busca de uma desnaturalização da violência sofrida pelos moradores de favelas, pode ter nascido a ideia do Quadro Parceiro do RJ, da Rede Globo. O quadro foi criado em 2011, tendo como proposta “O olhar do morador, a realidade de cada um, uma fotografia da cidade e um retrato do cotidiano”⁷. A primeira edição do projeto, iniciada em março de 2011, teve 2.200 jovens, de 18 a 30 anos, de oito regiões inscritos. Eram moradores de Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo. Após uma rigorosa seleção feita com provas de conhecimentos gerais, redações, entrevistas e, ainda, a entrega de um vídeo, foram selecionados 16 jovens. Eles foram preparados por profissionais da TV Globo com aulas e palestras sobre técnica de gravação e produção de reportagem, texto para TV e receberam uma mochila com o kit reportagem. Dentro dela, eles tinham uma câmera de mini-DV, microfone e *sungun*. Cada parceiro assinou um contrato temporário com a Rede Globo até o dia 31 de dezembro de 2011, e recebia por mês uma bolsa salário de R\$ 1.200,00, cartão de passagem e um Vale Refeição de R\$ 350,00. Além disso, as duplas recebiam a cada 15 dias uma verba de produção de R\$250,00.

A dupla da Rocinha, Cecília Félix Vasconcelos e Marcos Braz, se juntou ao grupo um pouco mais tarde, depois de disputar a vaga com outros 180 candidatos. Cecília é cabeleireira, tem 32 anos – entrou no projeto com 30 (idade limite) – e mãe de uma filha adolescente de 16 anos. Ela conta que passou por um treinamento intenso e sua primeira dificuldade foi definir o que seria uma boa pauta. Depois de esperar tanto para falar dos problemas da favela em que morava, a jovem experimentou a necessidade de se complementar com o olhar do outro, como nos ensinou Bakhtin. No texto “O autor e o herói”, um fragmento não revisado da obra de Bakhtin, escrito entre 1920 e 1924 e publicado anos mais tarde em *Estética da Criação Verbal* (1977), o filósofo apresenta a base do conceito de dialogismo, noção que servirá de pano de fundo para todo o seu projeto teórico. Segundo ele, o ser é constituído de falta e excesso e precisa do olhar do outro para se ver como um todo.

Não posso viver do meu próprio acabamento e do acabamento do acontecimento, nem agir: para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais – preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente. (2010, p.11)

Para Bakhtin, a estética resulta deste acabamento que é dado a partir da relação com o outro, do diálogo. O filósofo se apropria da questão estética, da literatura, para tratar de uma questão filosófica profunda que é a relação de responsabilidade, isto é, o ser, ao mesmo tempo que pratica uma ação, tem uma responsabilidade da ação. “A minha existência é

única e eu não tenho álibi.”⁸ Cecília sabia da sua responsabilidade e por isso buscou o olhar de fora para dar o acabamento ao seu olhar de moradora, nascida e criada na Rocinha.

Então o que eu fiz, eu trouxe uma pessoa de fora e quando eu comecei a vê-la falar dos fios: Cecília isso aqui é surreal! Tem um beco ali que é coberto de fios. Aí eu comecei a entender. É realmente eu precisava de um olhar de fora para ver o que eu não estava enxergando. Eu deixei ela à vontade, dei uma volta com ela até o alto do morro e trouxe de volta. Eu comecei a ver que certas coisas passavam despercebidas pra gente. A gente se acostumou a viver nessa situação e é aí que a gente erra, a gente não pode se acostumar com isso.⁹

Para Cecília, a oportunidade de ser parte do Parceiro do RJ é única e foi para ela determinante. A cabelereira viu que o sonho de ser jornalista, abandonado no Ensino Médio quando um professor disse que ela não teria conhecimento necessário para exercer a profissão, estava latente ainda. Entretanto, mesmo ciente da visibilidade que a emissora de canal aberto proporcionava, ela não esconde as dificuldades enfrentadas por ser uma representante da Rede Globo na Favela da Rocinha.

A Rocinha não era muito acostumada a assistir a Rede Globo. Esse horário não. Assistia o Wagner Montes porque era um jornalismo mais comunitário e era o que a gente precisava. O projeto só passou a ter reconhecimento aqui dentro, depois de mim e do Marcos. Como a gente conhece todo mundo, eu falava “dá uma chance, o projeto é bacana.” Ninguém queria falar com a gente, ninguém queria dar depoimento.¹⁰

A participação na primeira turma do Projeto Parceiro do RJ permitiu o nascimento da comunicadora comunitária Cecília Vasconcelos, mas não mudou a opinião da moradora Cecília Vasconcelos, que identifica o processo de pacificação de forma muito crítica.

Mudou agora, até que tá melhor, mas mudou no sentido de os bailes na rua, o sossegotá melhor, mais as armas que era o que mais preocupava. Eu ficava fazendo caminhos para não passar por certos lugares. Eu estava na UPA outro dia o policial entrou para beber água com um fuzil atravessado, esbarrando nas pessoas. Ele jamais ia entrar no Barra Dor com o fuzil atravessado. Eu acho que o poder de fogo é o mesmo. A gente continua vendo armas para cima e para baixo. A opressão também. Agora, com essas câmeras, eu espero que melhore. Eu gostei das câmeras para cuidar do policiamento, porque eles são opressores mesmos, tratam a gente mal, é assim, então isso já tínhamos, o que que mudou? Agora, a feira de drogas a céu aberto realmente não existe, então a melhora foi em alguns aspectos. A gente não pode dizer assim, como uma vez eu ouvi, gente a Rocinha é um paraíso. Não é, não é.

(...)

Você sabe que essa ideia da pacificação é muito ambígua, né? Então, eu que sou daqui há tanto tempo, eu sei que isso aqui não é uma pacificação. É uma ocupação, bem sucedida até certo ponto, mas a gente sabia que tinha traficantes aqui dentro. Uma vez nós fomos abordados, eu e o Marcos. Foi um dia que a gente passou um aperto, porque a gente sentiu que o nosso trabalho poderia estar atrapalhando alguém. E aí o Erick afastou a gente, não do projeto, mas a gente começou a fazer matéria fora da Rocinha. Tipo: a Escola de Samba que tem projeto para criança.¹¹

A dupla de Parceiros da Rocinha & Vidigal 2013/2014 foi composta por Leandro Lima, de 30 anos, morador da Rocinha e Aline Marinho, moradora do Vidigal. Assim como Marcos e Cecília, eles alternavam as funções de repórter e cinegrafista. Leandro Lima é estudante de jornalismo da Faculdade Hélio Alonso (FACHA) e fundador do site FavelaDaRocinha.com. Antes de começar os treinamentos na Rede Globo, Leandro, que também é fotógrafo, já fazia planos de como iria aproveitar as experiências que adquiriu até o momento na faculdade e as que têm como morador da Rocinha.

Sempre vou colocar na balança o que eu aprendo na faculdade e o que eu estou vivendo na Rocinha como morador e como profissional que está vivendo dentro dela. Eu utilizo a fotografia com o olhar crítico que eu tenho. Eu também faço fotos e exponho para pessoas que não moram aqui, até para que elas vejam o que eu não vejo. Porque é assim, se eu estou desviando do lixo, infelizmente para mim isso é tão comum como atravessar a rua. Para a pessoa de fora é um absurdo estar desviando de lixo. Então, tem certas coisas que eu busco no olhar de outras pessoas para enxergar algo que para mim é normal. Eu cresci com essas coisas.¹²

Antes de iniciar os trabalhos como “repórter-parceiro” Leandro Lima não tinha dúvidas de que a favela da Rocinha estava otimista com a experiência profissional na Rede Globo. Leandro apostava na liberdade de pauta. “Como eles já falaram, a redação está lá para ouvir a gente. Eu adorei quando eles falaram isso. Eles vão influenciar sim, mas só nas questões técnicas. Nós vamos influenciar no que vamos apresentar a eles”, comemorava o estudante de jornalismo, que tinha na época milhões de pautas importantes na cabeça. Na época da primeira entrevista concedida para minha tese de doutorado, como morador da Rocinha, Leandro via prós e contras para a implantação da UPP na favela. Para ele melhorou o trânsito, a ordem, mas, por outro lado, está promovendo a “invasão do pessoal do asfalto”.

Eu acho que para o pessoal do asfalto ainda está barato vir para cá. A pessoa está saindo de Copacabana, que é até um lugar que eu já procurei aluguel, que é R\$3.000,00, mais R\$800,00 de condomínio, para pagar R\$900,00 aqui na Rocinha, está ótimo. O que para mim não está. Então, eu tive que sair e ir para um lugar totalmente remoto. Eu e minha namorada, que é de São Conrado, já tínhamos encontrado um apartamento quarto e sala bem razoável, que antes da pacificação deveria estar no máximo R\$500,00, me ofereceu por R\$900,00. Fechamos e ela rompeu o contrato porque recebeu uma oferta de bem mais. Pelo menos foi o que dizem. Eu sei que tem um estrangeiro morando lá agora. Mas eu acho que a consequência é essa mesma. Antigamente, a gente não via carro, estacionado na rua, e hoje a gente vê carro importado. Sabe-se lá quem são essas pessoas, se são novos moradores ou novos empreendedores. É uma consequência muito ruim.¹³

A preocupação de Leandro era a mesma de outro comunicador comunitário da Favela da Rocinha, o jornalista Flávio Carvalho, de 26 anos, que trabalha na comunicação do C4/ Biblioteca Parque da Rocinha. Para Flávio, nada mudou nas questões de saúde, saneamento básico e infraestrutura. Ele comemora, entretanto, a ausência de civis armados na rua. “A nossa biblioteca, era ao lado de onde funcionava uma boca de fumo. Ia ser um pouco complicado a gente ficar trabalhando ao lado do pessoal da segurança da boca, que ficava armado até durante o dia”, avalia o jornalista. Flávio diz, ainda, que para atuar como comunicador comunitário a pacificação contribuiu.

Na questão da mobilidade o que mudou é que a gente tem mais liberdade, assim como no meu caso como comunicador, ter mais liberdade para fazer o meu trabalho de fotografia, de entrevistar as pessoas na rua. Andar aqui na Estrada da Gávea fotografando tudo, por exemplo, um tempo atrás eu não podia fazer isso.¹⁴

Como jornalista, Flávio comemorava também a presença de colegas da grande imprensa na favela com mais frequência, mas ainda vê com reticências o olhar de fora, de quem não vive o cotidiano da Rocinha. Ele apoia o Projeto Parceiro do RJ, mas confessa que a primeira dupla não aprofundou muito questões que são caras para os moradores como, por exemplo, a saúde.

Eu não assisti a muitos dos episódios da primeira turma. Só assisti a alguns da Rocinha, porque por ser morador da Rocinha queria saber o que eles, moradores daqui, estavam falando sobre a Rocinha para fora. Assisti a alguns bem legais, mas não retratando bem, muito superficial. Não tem como dentro da estrutura do Globo, que cobre uma cidade inteira, ter uma cobertura boa de um lugar assim. É uma coisa muito superficial. Vi muitas matérias falando de projeto social. Coisas que eu já tinha falado em outras matérias que eu fazia. Duas gravações que eles fizeram ficaram muito parecidas com duas que eu tinha feito com o Wark e com o Tio Lino, que são pessoas da favela.¹⁵

É por essas e outras que o jornalista continua trabalhando como repórter voluntário no site FavelaDaRocinha.com. Em sua reportagem, após um ano ocupada pelo estado, a Rocinha reclama dos mesmos problemas de antes da entrada da UPP, o jornalista elencou alguns atos de violência ocorridos no período como, o assalto à loja da Ricardo Eletro, a morte do presidente da Amabb, Feijão, morte de policiais e moradores e, ainda, a série de denúncias de roubos às casas da favela. Ele também destacou a inauguração da Fábrica Verde e do C4/Biblioteca Parque da Rocinha. Mas a maior parte de seu texto é destinada aos depoimentos de outros comunicadores e agentes culturais da favela sobre um ano de ocupação. O jornalista Flávio comemora a liberdade do ir e vir da imprensa, seja ela “grande” ou comunitária, mas não entende a presença da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) como a de simples agentes de pacificação e sim de agentes de uma ocupação promovida pelo Governo do Estado, que como tal deve assumir a responsabilidade pela promoção de direitos básicos da “população rocinhense”, termo usado segundo o jornalista pelo promotor de cultura da Rocinha, Tio Lino.

Em 2013, com o desaparecimento do pedreiro Amarildo na Rocinha, após ser levado por policiais militares para ser interrogado na sede da UPP entre os dias 13 e 14 de julho, instalou-se na favela um clima de revolta. Os moradores passaram a organizar manifestações reivindicando a apuração dos fatos e a punição dos culpados. O caso ganhou destaque nas redes sociais e acabou por ganhar visibilidade internacional. A pressão popular resultou na prisão de 15 PMs, entre eles o major Edson Raimundo dos Santos, ex-comandante da UPP Rocinha, e o tenente Luiz Felipe de Medeiros, subcomandante da unidade.

O caso de Amarildo desencadeou o fim da suposta paz instaurada na Favela da Rocinha e, consequentemente, os repórteres “parceiros” deixaram de fazer reportagens dentro da favela. De acordo com a coordenadora do projeto, a jornalista Gisela Pereira, a segurança dos jovens está sempre à frente da informação.

Eles não fazem nada, absolutamente nada de segurança pública, eles nem mencionam. Se alguém chegar para eles para vender uma pauta de segurança

pública, eles nem vão dizer para a pessoa ah tá, vou passar, porque a gente não quer nunca que o nome dele seja associado a qualquer reportagem vinculada a medo, segurança, policiamento. Nada, absolutamente nada. Então, é assim: se tem alguma situação em alguma comunidade que eles não se sintam seguros, eles dizem isso pra gente. A gente diz o tempo inteiro, deixa muito claro. Hoje mesmo o David falou do Jacaré, eu disse se for perigoso você não vai fazer. Na fase de treinamento, a gente encheu tanto o saco deles. Então, se tem um lugar que eles não vão se sentir seguros, não vão se sentir bem, eles não vão fazer a matéria naquela localidade. O Leandro e a Aline, por exemplo, eles iam fazer uma matéria na Roupa Suja, mas vão segurar um pouquinho só para não ter qualquer problema. Porque, às vezes, por mais que eles sejam conhecidos, uma câmera pode atrapalhar.¹⁶

O afastamento da equipe do dia a dia da comunidade refletiu diretamente na participação dela no quadro: os “parceiros” Rocinha e Vidigal passaram a entrar menos no telejornal, e as pautas ficaram mais concentradas no Vidigal e entorno. Em 2014, os confrontos entre policiais da Unidade de Polícia Pacificadora e bandidos e traficantes se intensificaram, e o projeto Parceiro do RJ acabou ficando de fora da grade do jornalismo local da TV Globo de 2015.

CONCLUSÃO

A conclusão que se chega, ao ouvir moradores e jovens comunicadores comunitários, é que, apesar do fato da presença de a polícia pacificadora ter facilitado a mobilidade da imprensa de uma forma geral na favela e do estabelecimentos de novas parcerias na área de comunicação, a comunidade ainda sofre com antigos problemas na ordem de infraestrutura que abalam a saúde e a segurança de seus moradores. Entretanto, a constituição de novos comunicadores comunitários com o crachá da maior emissora de televisão do país, a Rede Globo, é uma oportunidade de diálogo entre a técnica e o afeto. Como moradores, eles se apropriam da experiência do “podia ser eu ou a minha família” para pautar questões pertinentes para a melhora da qualidade de vida na favela. Como jornalistas da Globo, eles têm a oportunidade de dar a maior visibilidade possível para suas reportagens.

Em outras palavras, nesse jogo de troca da comunidade com a sociedade capitalista todos saem ganhando. Por um lado, jovens aspirantes a cinegrafistas e repórteres conquistam visibilidade, um espaço que os permite de certa forma contar suas trajetórias sem demagogia. Circulando por espaços e conhecimentos múltiplos sem utopia, exercitam a realização de um projeto possível. Um possível que os permite criar, contar sua versão e, dependendo do caso, fazê-los despertar para carreira profissional e até mesmo inseri-los no mercado de trabalho. Por outro lado, a cidade que por anos se encontrou partida, enfim cria atalhos mais fortalecidos entre o asfalto e a favela. Uma cola feita da experiência, do afeto e do desejo de partilhar um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. RJ, Forense Univ., 1981.

_____. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. SP, Hucitec, 1993.

_____. [Volochnov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. SP, Hucitec, 1987.

_____. *Estética da criação verbal*. SP, Martins Fontes, 1992.

_____. *Questões de literatura e estética*. SP, Hucitec, 1990.

BECKER, Beatriz. “*Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado : um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiros do RJ*”. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, de 12 a 15 de junho de 2012.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*, v.1. Petrópolis: Vozes, 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora UNB. 2008.

FILHO, Aziz; FILHO, Francisco Alves. *Paraíso Armado*. São Paulo: Editora Garçonni, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A palavra e as coisas*. Lisboa: Portugalia Editora, 1966.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola. 2007.

_____. “*Os intelectuais e o poder*” (1972), in *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal. 2010.

_____. “*Outros Espaços*”, in MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema? Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

JUPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1996.

MORAES, Lilian Saback de Sá. *A autorrepresentação das favelas do Rio de Janeiro: a criação de mundos possíveis por sujeitos heterotópicos*. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. PUC-Rio, 2010.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. 2ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

_____. *As minorias nas narrativas da mídia*. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 020ª 06 de setembro de 2003.

_____. *Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático)*. Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 30, agosto 2006.

_____. (org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

PERUZZO, Cíclia M.K. *Mídia comunitária*. Revista *Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. nº 30. P.142-156.

_____. *Aspectos Históricos da TV Comunitária no Brasil*. Trabalho apresentado no GT Medios Comunitarios y Ciudadania. V Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Santiago, Chile, 27 a 30 de abril de 2000. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/peruzzo-cicilia-tv-comunitaria.pdf>. Acessado 12 de maio de 2009.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins, 2007.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Novos Estudos*, nº 79, novembro 2007, Pg. 71-94.

SILVA, J. S.; BARBOSA, J. L; FAUSTINI, M. V. *O novo Carioca*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: V

NOTAS

- 1.** Doutora em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO) em cotutela com o Programa de Doutorado do ISCTE do Instituto Universitário de Lisboa (IUL) e Mestre em Comunicação pela PUC-Rio. Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. E-mail: lilian.saback@gmail.com.
- 2.** Artigo de Jailson dos Santos, As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas. Este texto tem como referência o seminário Aspectos Humanos da Favela Carioca: ontem e hoje, realizado de 19 a 21 de maio de 2010 pelo Laboratório de Etnografia Metropolitana - LeMetro/ IFCS-UFRJ e está disponível em <http://www.observatoriodefavelas.org.br/userfiles/file/Aspectos%20humanos%20das%20favelas%20cariocas.pdf>.
- 3.** In O retorno da comunidade - os novos caminhos do social, org. Raquel Paiva, Editora Mauad, 2007.
- 4.** O vídeo “TV Comunitária de Rua: Uma Boa Alternativa” (2008), realizado pelo jornalista Cleber Araujo, está disponível em <http://www.barracoacentro.com/tv-comunitaria-de-rua-uma-boa-alternativa/>.
- 5.** Na citação respeitei a digitação no texto da autora que está disponível no site da Compós, mas ao me apropriar da referência adaptei a frase, usando a como é dita no clipe da “Dança do Quadrado”, produzido pela equipe do site Kibe Loco, em 2008. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=Ktgsn_G59os.
- 6.** Mais um trecho do artigo de Jailson dos Santos sobre as UPPS.
- 7.** Trecho de apresentação do Parceiros do RJ na página do projeto no site do G1 (<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/parceiro-rj/noticia/2011/01/novo-quadro-do-rjtv-tera-16-jovens-contando-realidade-de-onde-moram.html>).
- 8.** A frase foi dita por Ana Paulo Goulart em sala de aula (2011), adaptando o pensamento de Mikhail Bakhtin sobre a sua filosofia do ato.
- 9.** Cecília Félix Vasconcelos em entrevista concedida à autora em 15 de janeiro de 2013.
- 10.** Idem
- 11.** Idem
- 12.** Entrevista concedida à autora em 08 de fevereiro de 2013.
- 13.** Idem.
- 14.** Entrevista concedida à autora no dia 08 de fevereiro de 2013.
- 15.** Idem.
- 16.** Em entrevista concedida à autora no dia 10 de junho de 2013.